

# **O PESSIMISMO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS**

**ARAUJO, Tania Clay Santos de.**  
**taniaclay@hotmail.com**

**PAES, Silvânia Oliveira. (Orientadora)**  
**Graduada em Letras, Especialista em Administração Escolar, Profª do Curso**  
**Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT**  
**Silvania.Paes@ig.com.br**

## **RESUMO**

Este Artigo tenta esclarecer vários fatores que influenciaram a poesia pessimista de Augusto dos Anjos. O trabalho foi desenvolvido com base em fatos biográficos do autor e faz uma retomada na poesia da antiguidade procurando esclarecer o perfil poético tão admirado. Augusto dos Anjos revoluciona o mundo da poesia ao aparecer com temáticas de podridão e decomposição. Sua poesia era bizarra, fugia totalmente dos padrões elegantes e limpos daquela época. Surgido em momento de transição não se libertou dos aspectos estruturais dos simbolistas e parnasianistas. Sua inovação era no vocabulário. Mas essa poesia não estava sozinha, a alma, ou melhor, o espírito do autor estava em cada verso escrito por ele. Acontecimentos da sua vida o fazia produzir. Homem extremamente tímido e desiludido passa sua intimidade para a poesia. Dono de um único livro, foi perseguido pelos literários por não agradar com seu estilo. Ao longo da vida só exerce o magistério e na maioria das vezes sem vínculo legal. Muda-se para o Rio de Janeiro na intenção de publicar seu livro “Eu”. Constituindo o único pré-modernista da poesia foi praticamente ignorado em sua existência, vindo sua obra a ser reconhecida somente após sua morte graças à insistência de seu amigo Órris Soares.

**PALAVRAS CHAVES:** Pessimismo, verso, época, poesia.

Ao analisarmos a influência da biografia de Augusto dos Anjos em sua obra pessimista podemos verificar que desde os primórdios a poesia tem uma correlação entre o tempo vivido do autor com a sua particular da realidade.

É notado isso quando observamos a evolução da poesia em um âmbito abrangente e verificamos que a ação momentânea do autor e o meio em que ele engloba, reflete na forma estrutural e formal de sua obra.

Uma das particularidades da poesia de Augusto dos Anjos é a utilização da temática de decomposição, de podridão e de terrores noturnos. Será que é possível explicar e esclarecer sua poesia se for levada em consideração a maneira de como evoluiu a poesia até sua biografia?

Augusto dos Anjos teve uma vida repleta de acontecimentos negativos onde o influenciou no momento de sua criação. Assim, ele procurando transmitir algo interior, deixa que a sua manifestação de subjetividade atinja o espectador da mesma forma que o marcou.

Os temas que aparecem freqüentemente são os da morte, da angústia e a dor, já que o homem é visto como um ser desamparado e desgraçado. Dessa maneira ele mostra em sua poesia um mundo que é o palco onde incessantemente os homens representam sua tragédia com uma pitada de humor negro, com o gosto em retratar o mórbido, o grotesco, o esdrúxulo, enfim, o bizarro.

Visto que o nascimento de Augusto dos Anjos irá mais à frente marcar profundamente a história da literatura brasileira com uma poética repleta de tensões retratada por sua única obra intitulada “EU”. Podemos perceber daí que a poesia é influenciada pelo espírito do autor mais ao mesmo tempo ela não é algo apenas do imaginário, ela tem vários fatores importantes em seu conteúdo e dentre eles a produção do real.

Existe uma grande coincidência do surgimento da linguagem humana com a linguagem poética, já que os primeiros passos da linguagem foram dados através de gestos e onde podemos perceber que passa a se firmar a relação entre a ação natural com as idéias

passadas e recepcionadas através da mensagem. Após esse período surge uma dualidade da palavra, vinda através do surgimento da ironia. A partir desse momento passa a existir o que é verdade e o que é falso nas palavras.

Com isso teremos a primeira referência do pensamento ocidental ilustrado pelo livro III da República em 394 a.C. de Platão mostrando que já na Antiguidade greco-romana houve o marco para as grandes manifestações poéticas, que segundo Angélica Soares em seu livro fala que sobre o pensamento Platônico aos gêneros literários da seguinte forma: “a comédia e a tragédia se constroem inteiramente por imitação; os ditirambos apenas pela exposição do poeta, e a epopéia pela combinação dos dois processos”.

O outro lado da poesia é também explicado por Horácio. Ele apresenta uma função moral e didática à literatura de forma que nela deva existir o enlace do prazer com a educação. Quase a mesma linha é seguida pelos estudos poéticos homéricos, pois Homero atribuía sua obra poética com a cultura, a pedagogia e a imitação, como podemos exemplificar com os estudos da épica homérica. Homero era considerado por vários como educador da Grécia, comprovada pela análise da obra de Jaeger, Paidéia.

Por muitas vezes a poesia assume uma função persuasiva de forma que o ouvinte leitor torna-se um objeto indefeso de uma força irresistível, embora sem substância nem autoria, pois ela desloca o poder de decisão para o encantamento inerente às palavras. É o caso do sofista Górgias quando escreveu um “ELOGIO A HELENA”, a de tróia.

Mas Aristóteles mostra uma relação da poesia diferenciada das já citadas anteriormente, pois ele aborda uma relação entre fins e meios (o gênero, a estrutura, a realidade representada, as condições de sua produção e recepção, etc), ambos não se desvinculam. Tudo que é criado e representado na natureza com base no seu efeito e seu objetivo adquire uma criação onde nada fica isolado.

Dessa forma os seres representados se distinguem, por exemplo, a tragédia, que imitava homens melhores do que o são na realidade, da comédia, que os imitava piores. Por

outro lado, quanto ao efeito específico no espectador, a tragédia visava provocar sentimentos de temor e compaixão, através do processo que ficou conhecido na história da arte pelo nome de catarse. A partir dessas idéias temos um quadro suficiente e amplo das relações problemáticas da poesia antiga.

Com as perspectivas modernas podemos perceber que no Romantismo, com uma breve recaída entre os parnasianos, os poetas passaram a recuar os artísticos retóricos como incapazes de atender às novas necessidades expressivas, calcadas agora no sentimento, na naturalidade e no indivíduo.

Perdidas ou abandonadas as velhas regras poéticas, como evidências que a arte já não possui, resultado da transformação de um mundo em que o homem não é mais o agente, mas peça na engrenagem das relações sociais.

De nada valia para um espírito inquietante como o de Augusto dos Anjos uma filosofia armada pelo sistema à margem da vida, sem resolver seu mundo interior. Ao deparar-se com o ambiente privativo, entrava em crise em uma forte dor surgia dando-lhe toda uma inspiração, pois,

Dominava-lhe o espírito a ânsia do ineditismo e o horror do lugar comum. Daí, mesmo quando tocado pelos impulsos mais afetivos e humanos, preferir cantar, menos como poeta a como filósofo, aqueles fenômenos emotivos, que apresentavam assim um lado novo do seu encanto. (MACHADO, Raul. 2004, p. 99)

A poesia de Augusto dos Anjos recebe a influência do Realismo, do Parnasianismo e do Simbolismo, sobre tudo também é reconhecido em sua poesia pelos críticos como vinculáveis a orientação modernista.

Seus poemas são extremamente rimados e metrificados, seguindo as normas da época. Mas inovava quando se tratava da linguagem. Segundo o gosto dos parnasianos, encontrava o estilo mas, a linguagem causava estranheza pois era utilizada as ciências naturais e as correntes filosóficas científicas da segunda metade do século XIX (evolucionismo, determinismo, positivismo). Ele é um poeta único em nossa literatura, visto que, suas obras

são a soma de todas as tendências nesse século. Como podemos observar ele é o poeta de todos os *ismos*.

Vale ressaltar que no ano em que Augusto nasceu acontecia no Brasil um movimento abolicionista, que só no ano seguinte foram livres os escravos maiores de 65 anos, não os de 60. Visto que o poeta foi criado na zona rural e alimentado com leite de escrava.

Augusto começa a dar os primeiros rumos a uma poesia pessimista ainda no início de sua juventude no engenho de pau d'Arco, influenciado pelo acompanhamento de todo desmoronamento financeiro de sua família, já que, Doutor Aprígio, homem de negócios da família, na esperança que as coisas evoluíssem, hipotecou os dois engenhos de sua propriedade.

A hipoteca foi realizada na tentativa de recompor as despesas domésticas e na ilusão da alta no preço do açúcar pro mercado interno nacional, ilusão, o preço deregente, então sem ter como pagar a hipoteca o Doutor teve que vender o Coité, permanecendo apenas com Pau d'Arco em situação precaríssima já que também estava empenhado.

Contudo isso, Doutor Aprígio cai imóvel numa cama anos inteiros. Daí então Doutor Alexandre, pai de Augusto, passou a tomar conta do engenho mesmo sem ter vocação alguma para esse trabalho. Não evitando a perda do Engenho de Pau d'Arco.

Homem extremamente inteligente e esforçado, mesmo com toda dificuldade de relacionamento social, consegue se formar em professor e no curso de Direito. Entretanto, não assume a profissão de advogado e sim a de professor particular na preparação dos estudantes para o Liceu ou para a Faculdade. A partir daí ele começa a colaborar economicamente nos orçamentos domésticos.

Então, devido à decadência econômica da família Augusto, em 1908, cuida de transferir a família do engenho para a cidade na Rua Direita, 103, pois a venda do engenho estava marcada para agosto e com essa situação familiar cria o verso “Noite de um visionário”:

Depois de dezesseis anos de estudo  
 Generalizações grandes e ousadas  
 Traziam minhas forças concentradas  
 Na compreensão monística de tudo.

Os melhores poemas, os de maior densidade emocional, aqueles que mostraram toda sua particularidade e espontaneidade, foram produzidos à sombra debaixo de um pé de tamarindo e por passeios noite adentro, como um bicho sem dono, no seu lar engenho de Pau d'Arco. Ali a inteligência avassaladora de Augusto dos Anjos cria com uma forma toda pessoal, poemas com a forte presença da temática da morte. Assim, “A primeira leitura desse livro brilhante tem-se logo a impressão de um talento formidável, de uma cultura polimórfica e, sobretudo, de uma grande honestidade literária, de fazer coisa própria, coisa sua, pessoal, individualista. (FONSECA, 2004, p. 85)

Uma das primeiras poesias de Augusto dos Anjos foi o soneto “Debaixo do Tamarindo”, onde ele exprime e cria uma situação de sua própria morte, antes revelando um lugar de refúgio em seus momentos de dor ainda em sua infância, assim falava:

No tempo de meu pai, sob estes galhos,  
 Como uma vela fúnebre de cera,  
 Chorei bilhões de vezes com a canseira

De inexorabilíssimos trabalhos. (...)

A poesia de Augusto dos Anjos lhe proporcionou o título de Doutor Tristeza. Homem visto como histérico neurastênico e desequilibrado, vê surgir uma carta intitulada de Carta Aberta feita por um professor de primeiras letras, revoltado com o que ele considerou de versos antipoéticos publicados “n'O Comércio”, atacando fortemente a poesia do poeta raquítico como assim era chamado:

Foi magro meu desventurado amigo de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca vazia a catadura crescer de sofrimento por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma críspação de demônio torturado. (SOARES, 2004, p. 60)

Mas a resposta à ação desse professor ao criar e divulgar essa carta veio logo em seguida. O Poeta Raquítico escreveu um bilhete postal transmitindo todo o seu pensamento e todo seu desejo mais íntimo à vida do ilustre professor falando assim:

(...)  
 Continue a comer como um monstro no almoço,  
 Inche como um bolão, cresça como um colosso  
 E vá crescendo e vá crescendo e vá crescendo,  
 E fique do tamanho extraordinário e horrendo  
 Do célebre Titão e do Hércules lendário;

(...)

O mais curioso nesse poeta é que com toda discriminação, todo egoísmo de uma dor infinita, depositado em si, não fazia com que ele perdesse o grande amor pelo pai. Esse amor mostra adiante a grande influência, de maneira mais clara, o reflexo dos sentimentos mais íntimos com o soneto “Meu Pai Morto“, quando em 13 de janeiro de 1905 ao ver o pai morto expressa a mágoa com uma comovente unção e mesmo nesse momento deixando o sentimento ser tomado pelo tema da decomposição, assim dizia:

“Madrugada de treze de janeiro”,  
 Rezo, sonhando, o ofício da agonia.  
 Meu pai nessa hora junto a mim morria  
 Sem um gemido, assim como um cordeiro!

(...)

É interessante ressaltar que se tratando de sua mãe, Sinhá Mocinha como era chamada, ele não demonstrava o mínimo de afeto. Explicando então o porquê ela não é citada com frequência, ou melhor, é citada apenas três vezes.

No entanto ela era extremamente dominadora. Augusto recebia uma forte influência de Sinhá Mocinha. Ela interferia nos aspectos mais íntimos do seu filho, como podemos exemplificar a sua interferência na vida conjugal dele. Para ela casamento nem tão cedo.

Augusto entra em um estilo de vida, onde precisa adaptar-se perfeitamente ao regime oligárquico, tendo que ser totalmente obediente as regras. Visto que, era o professor de um filho do presidente e nesta época casa-se com Ester Fialho.

Contudo, a imensa vontade de publicar seu livro de poesia o fez discordar dos rumos que o governo do estado estava tomando, pede então demissão do Liceu Paraibano e muda-se com sua esposa para a capital do Brasil na época, a cidade do Rio de Janeiro.

A hora da partida chegou e Augusto que sempre foi preso ao círculo familiar, se depara com a necessidade de disprender-se da influência materna. Dessa vez não dava para desistir. Estava movido por sentimento de fuga e renascimento.

Ao sair da Paraíba jura a sua esposa não por mais o pé nesta. Chegando ao Rio vários problemas políticos não ajudou a alterar a vida de Augusto dos Anjos. Essa fase foi relatada pelo próprio ao escrever cartas para a família. Quase um ano e o que ele conseguiria era retomar sua carreira de professor. Mas dessa vez como professor substituto de Geografia, Cosmografia e Corografia do Brasil do Ginásio Nacional.

Só que mais uma vez o destino não fica a seu favor. A situação era mais que precária. A renda não dava para cobrir as despesas da família e nesse momento Ester grávida e perde seu primeiro filho. Augusto com toda sua alma poética faz um soneto ao filho nascido morto com 7 meses incompletos:

Agregado infeliz de sangue e cal,  
Fruto rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante  
De minha brônzea trama neuronal,

(...)

Para conseguir um complemento para a receita do orçamento familiar, tem que se desdobrar com aulas particulares, sendo estas distribuídas por vários bairros da cidade. Com tanto sofrimento Augusto escreve uma carta onde faz um desabafo para sua irmã. O desespero com a situação é inevitável. A angustia não o deixa, a dor é constante. Na carta ele relatava o seguinte:

“Desempregado, com responsabilidades pesadas a me abarrotarem a alma, vítima de uma desilusão na minha própria terra, tudo isto, como um amálgama negro, engendrou esse silêncio malsinado, que não corresponde absolutamente a uma depressão quantitativa dos afetos à família, tanto por mim estimada”.



Em meio a todos os acontecimentos Augusto mostra-se um homem esforçado e persistente, mesmo sem conseguiu êxito em seus investimentos profissionais. Contudo sua produção poética continua presente na sua vida, sendo influenciada sempre pelas dificuldades e marcando cada vez mais a alma infeliz do poeta.

A injustiça social o amargurava. O prêmio acontecia para os ruins, enriquecia os movidos a falcatruas, elevava ainda mais os endinheirados e com os honestos, os sonhadores, os corretos de entendimento e coração a vida era avaríssima.

O estado de depressão do poeta não o abandonava, andando sempre com sua obra debaixo do braço, neste momento já lecionando na Escola Normal, não via despertar em ninguém o interesse por suas poesias e da mesma forma vista pelos editores não publicavam seu manuscrito.

Ao ver que não teria seus versos publicados, resolve então fazer um financiamento para edição de seu livro com a parceria de seu irmão, Odilon. Um deles teria que acreditar na empresa, como um negócio capaz de proporcionar lucros. Vejamos uma reprodução: “Pelo presente documento, fica firmado entre Odilon dos Anjos e Augusto dos Anjos, abaixo assinados ... reaver, à proporção que os primeiros exemplares do livro forem sendo vendidos, a importância dispendida com a mesma impressão.”

A publicação e divulgação do livro numa época tão artificial como a do Rio de Janeiro, na segunda década 1900, adquiriu apenas o insólito e desafiador. Esta época dominada pela literatura chamada “sorriso da sociedade”. Esta obra escandalizou alguns cronistas da época ao ponto de não se permitir tocar o livro normalmente. O desprezo fica nítido quando é tocado pela ponta dos dedos.

Augusto esperava que quando chegasse ao Rio de Janeiro sua carreira poética o colocaria lado a lado com escritores, poetas, jornalistas, ou seja, esperava que seu talento

fosse reconhecido. Cheio de angústia e frustração viu que nada acontecera de bom. Nenhum mérito foi alcançado à sua chegada.

Autor de extrema ousadia com seus títulos estranhos, apresenta-se ao passar o primeiro impacto da leitura, visto que o leitor ao ler com mais cuidado e mais interesse vê uma obra extremamente transparente a alma agonizante do autor. O famoso soneto “Vandalismo” expõe excessivamente a temática bizarra e mostra uma musicalidade entre seus versos:

“Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longínquas datas,  
Onde um nume de amor, em serenatas

Conta a aleluia virginal das crenças.” (...)

O movimento literário existente na época jamais consagraria Augusto dos Anjos e não receberia sem restrições o Eu. Como já era óbvio, os grandes poetas tornavam a ignorá-lo, já que em 1912 ainda era levantada a bandeira do belo, do prazeroso e da musicalidade gentil.

Se alguém fosse pedir alguma informação a respeito do nome Augusto dos Anjos, não receberia outra resposta além de que se trata de autor estrepante com versos extravagantes e sujos. Quase nada era publicado a seu respeito, o máximo que surgia era pequenas citações isoladas. Nada importante.

Mas José Oiticica rebela-se e escreve para um jornal da oposição como A Época, sobre um amigo, caracterizando-o com um dos maiores representantes da nova poesia. Vinda para diferenciar e revolucionar atuante no mercado de letras.

Hermes Fontes assume a defesa dos poetas rejeitados pelos ditos literários e fala o seguinte sobre Augusto:

“Augusto dos Anjos é um poeta que não se confunde com os outros. É diferente dos mais pelo credo, pela fortuna e pela grande independência de pensar e dizer. Com os outros, isto é, com três ou quatro dos nossos grandes jovens poetas, ele se identifica, apenas, pela força da cultura, pela segurança, pelo brilho, pela excepcionalidade de seu estro. (HERMES, 2004, p. 76)

Dono de uma vida bucólica sem duas vertentes, o conceito de destino do poeta era único. Um grande amigo e admirador do poeta do Eu, Orris Soares faz a seguinte consideração, “A existência é má porque está inseparável da dor, havendo a permanência do sofrimento”.

O autor era um homem normal insatisfeito com sua arte. Seus poemas não agradavam a sociedade. Os temas abordados chocavam a sociedade acostumada com poesias bonitas, de caráter luxuoso apresentado pelos parnasianos. Mais ele não queria saber se assustava, sua poesia vinha do seu mais íntimo pensamento, ela era a imagem de seus conceitos dentro daquela sociedade.

Poeta de grande visão e de muito gabarito, no entanto, frágil e impotente diante das dificuldades não conseguindo superar os obstáculos reais da vida. Nada de progresso, tudo estagnado.

Enquanto nada acontecia, continuava a se desdobrar com a renda de professor público somada com a magra recompensa vinda de aulas particulares. O grande sacrifício para o sustento de sua família que consideravelmente crescia e junto a ela sua responsabilidade.

O poema “O Deus-verme” é mais um em meio a tantos que retratada sua insatisfação com o social e mostra sua passagem por esse universo, de maneira que demonstra seu pensamento mórbido:

Fator universal do transformismo.  
Filho da teleologia matéria,  
Na superabundância ou na miséria,

Verme- é o seu nome obscuro de batismo.

Homem de poucos amigos, tímido, aberto apenas com os íntimos, com esses era agradável e prestativo. Sua personalidade forte, entretanto se apagava diante de estranhos. Não tinha interesse em agradar as pessoas, meio a elas calava e quando falava não despertava fascínio algum.

Para só mencionar os intelectuais paraibanos que se pronunciaram sobre Augusto dos Anjos, destacam Órris Soares, José Américo de Almeida, Raul Machado, Santos Neto, Álvaro de Carvalho, Flóscolo da Nóbrega, João Lélis e De Castro e Silva, este último apenas como autor de um livro apologético, que não é biografia e não chega a ser estudo. Dos outros, há sempre o que referir, posto que, quase todos, tenham bordejado na superfície do abismo em que se afundava a alma do poeta.

A maneira de conduzir a vida não o ajudava a melhorar sua situação de forma nenhuma, pois para pessoas com qualidades negativas acima das positivas os caminhos da vida tornam-se vedados. Ele não era capaz de superar sua vida no Pau d'Arco, mas na sua poesia era o contrário. A cada poesia criada apresentara novas formas de chamar a atenção ao chocar os leitores, visto que:

Para criar o clima poético, o ambiente particular das suas idéias, sensações, pensamento e alucinações, Augusto dos Anjos era um mestre na arte de levantar logo nos primeiros versos uma atmosfera que envolvia o leitor, que o obrigava a colocar-se imediatamente dentro do espírito e do ritmo do poema. (LINS, 2004.p. 34)

A sociedade paraibana não era o mundo que o fazia sofrer, pois este o tratava com carinho. No entanto ninguém o compreendia mais, isso não pode culpá-los uma vez que nem o próprio se conhecia, já que o fez uma honesta confissão, em Poema Negro:

A passagem dos séculos me assombra.  
 Para onde irá correndo minha sombra  
 Nesse cavalo de eletricidade?!  
 Caminho, e mim pergunto, na vertigem:  
 Quem sou eu? Para onde vou? Qual minha origem?

E parece-me um sonho a realidade.

A tragédia espiritual de Augusto vem em agravo à tortura moral que não o deixava em paz. Os poemas “As Cismas do Destino”, “ Os Doentes” e o “ “Apostrofe à Carne”, mostra todo o desequilíbrio emocional, a presença marcante de uma poesia de podridão e decomposição, movida de sentimentos confessos de “ EU”. Toda a obra poética de Augusto é um grito de dor arrancado do fundo da alma.

Dono de um vocabulário difícil, não era compreendido por todos, já que a primeira vista sua linguagem era incompatível com a poesia, seus versos impressionavam pelo poder da dialética, pois, “Era um idealista da mais nobre, na mais vibrante, digo mais, na mais dramática acepção do vocábulo. Só quem o conheceu pessoalmente é que pode, sob este aspecto, julgá-lo com absoluta injeção de ânimo. (TORRES, 2004. p.100)

Altamente interessado por leitura torna-se leitor de Põe e Shakespeare, justificando e esclarecendo a formação intelectual de Augusto.

Tanta incompreensão sobre Augusto, fazia com que até o próprio tivesse a consciência de que ia ficar sozinho com uma poesia caracterizada de cadáveres, vermes, túmulos, escarros, sangue de vísceras dilaceradas, duendes, figuras espectrais e outras visões sinistras, ou seja, um poeta do hediondo. Foi exatamente com esse título “poeta do Hediondo”, que ele em um dos seus sonetos, deu resposta por antecipação aos reparos dos seus futuros críticos:

Eu sou aquele que ficou sozinho  
Cantando sobre os ossos do caminho

A poesia de tudo quanto é morto.

Convencido por idéias preconcebidas, Augusto não via possibilidade de admitir a realidade da vida, aceitando todas as imperfeições e injustiças do mundo e olhando menos para sua dor que para a do próximo.

Em 1914 Augusto vê a possibilidade de melhorar de vida, ao surgir a nomeação para diretor do Grupo Escolar de Leopoldina. Nesse momento ele é movido pela emoção, mesmo se tratando de um lugar pequeno, ele sente-se satisfeito pelo emprego, pela moradia, pela remuneração, sendo que nem mesmo aí ele para com suas aulas particulares.

Caso não fosse seguidor da trama filosófica do individualismo racionalista, poderia até ter encontrado a realidade espiritual nascida da fé e se alimentando da caridade. Já que a fé só pode ser adquirida quando se é convencido da verdade. A conquista do próprio eu depende

da conquista da fé. Mas no mundo fechado em que se enclausuravam não tão necessitadas como ele pediam socorro.

Mas Augusto em sua nova fase escreve uma carta à Sinhá Mocinha dizendo que naquele momento tudo começa a se encaminhar. Nesta carta ele fala o seguinte,

Dada à compreensão, peço licença para dizer superior, que eu tenho do mundo, foi-me ela mais propícia do que adversa à integração de minha individualidade moral e até mesmo intelectual. Aceito hoje em filosofia o finalismo otimista de Sócrates, o qual, em termos vulgares, pode ser assim enunciado: tudo quanto sucede é unicamente para o bem.

Contudo essa aparente tranquilidade de Augusto dos Anjos acaba quando em 30 de outubro de 1914 adoece. Pega um resfriado e não cuidado como deveria começa a agravar sua situação e em 1 de novembro vem a falecer deixando todos repentinamente.

A morte de Augusto não causou nenhuma repercussão no Rio de Janeiro, houve apenas a publicação de um artigo realizado por Antônio Torres recordando o poeta com entusiasmo e incorporando mais tarde nas edições publicadas por Bedeschi.

Órris Soares em 1920 reedita o Livro Eu, só que dessa vez acompanhada de um complemento com uma coletânea de versos póstumos passando a se chamar Eu e Outras Poesias. Além disso tem a preocupação de ser o prefaciador desse volume.

Ainda não tinha sido a vez do sucesso. Só em 1928 com o lançamento da terceira edição, pela livraria Castilho do Rio de Janeiro eis que surge o sucesso. Sucesso de crítica e de público. Seus versos passam a ser decorados, recitados e até mesmo cantados, sua poesia estava na boca do povo.

Entretanto, não sendo possível separar o drama da vida do autor e a temática poética, é justamente esse enlace que vai chamar a atenção dos grandes literários da época. Com o sucesso e o reconhecimento Augusto dos Anjos, mesmo não estando mais presente, faz com que esses literários que trataram sua poesia com tanta discriminação exaltem os versos, ditos por eles, de mau gosto.

Da vasta literatura que já se produziu sobre Augusto dos Anjos, elogios ou restrições, nem tudo pode ter cabimento. Há, com efeitos, juízos despropositados de quem passa pelo assunto sem penetrar na dor possessiva que tanto sublimava o poeta.

Como disse João Ribeiro em O Poeta do “Eu”, “o pessimismo, a amargura, a dúvida e a desconsolação não parecem, entretanto artificiais nesse poeta que realmente muito sofreu. A sua fantasia, afinal, não é mais triste nem mais negra que a realidade”.

Hoje Augusto tem sido comparado aos mais altos padrões da corrente estética do pensamento, com suas excentricidades e afinidades de ordem espiritual como cita Gilberto Freyre “não houve na literatura brasileira expressão mais viva do gosto de introspecção pessimista que os poemas de Augusto dos Anjos”.

Augusto dos Anjos é um autor que impressiona a literatura brasileira pela extrema particularidade de sua obra, por demonstrar a enorme independência em suas poesias prestigiadas por todos até hoje. A maior prova de toda a capacidade desse imenso autor é o título escolhido para seu primeiro e único livro “EU”.

Uma poesia tão pessimista e tão particular como a de Augusto dos Anjos não pode ser explicada de maneira tão simples assim. O que se pode perceber em sua poesia é que, vem de dentro, nada é por acaso, tudo em sua obra tem um sentido.

Será que com a análise feita neste artigo podemos afirmar que a biografia de Augusto dos Anjos é uma forte motivação para o tão freqüente pessimismo em sua poesia? Será que ela pode explicar o porquê disso?

Ao apresentar vários problemas sociais da época, marcando toda a trajetória poética de Augusto, podemos afirmar que realmente ele expõe toda sua particularidade na construção de seus versos? Isso justifica ser chamado de mórbido?

Contudo, o autor permite que o leitor penetre em seu mundo macabro e triste, fazendo com que surja nele o pensamento de que a vida de Augusto dos Anjos transparece em sua poesia.

Portanto, a única maneira existente para confirmar isso é a utilização do estudo da biografia x poesia, visto que sua vida foi marcada por momentos difíceis na maior parte de sua existência.



## REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e Outras Poesias**. 46ª edição Especial Revista e Ampliada. Rio de Janeiro. Ed. Nova Aguilar, 2004.

ANJOS, Augusto dos. **Obra Completa: Augusto dos Anjos**. Volume Único, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ARISTÓTELES, HORÁCIO; Longini. **A Poética Clássica**. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do Grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo Cultrix/Edusp, 1981.

COUTINHO, Afrânio, BRAYNER, Sonia. Augusto dos Anjos: **Textos Críticos**. Brasília. Ed. INL. 1973.

FIORIN, J.L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e Construção do Real: O lugar da Poesia e da Ficção**. 3ª Edição, São Paulo, Cortez 2002.

MOURA, Faraco. **Literatura Brasileira**. São Paulo, ed. Ática 1988.

NICOLA, José. **Língua, Literatura e Redação**. Volume 3, Ed. Scipione 1987.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da Literatura**. 2ª edição. São Paulo. Ed. Ática. 1986.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 2ª edição. São Paulo. Ed. Ática. 1986.